



## Estante

**Acepto las Condiciones:  
Usos y abusos de  
las tecnologías digitales.**  
COBO, Cristóbal.

Madrid: Fundación Santillana, 2019.

**P**odemos pensar em tecnologias com um enfoque (mais) humano? Este é um dos questionamentos centrais que o livro de Cristóbal Cobo discute. O autor propõe uma reflexão crítica e aberta sobre as consequências da massificação das tecnologias e seu impacto nas novas formas de poder e controle da sociedade atual. Com base nessas reflexões convida ao leitor a repensar o papel da educação no desenvolvimento de formas de inclusão pautadas em uma nova ética digital.

Cobo (2019) alerta para o “feudalismo digital” que vivemos, no qual os dados são concentrados no poder digital de poucas companhias, gerando além de novas formas de poder e controle, novas formas de exclusão e periferia. O autor questiona a obsessão pelos meios e redes do mundo digital que afasta aos sujeitos da noção do real e alerta para a suposta neutralidade da tecnologia. Frente a essa realidade, Cobo (2019) entende necessário desenvolver uma nova compreensão do que significa alfabetismo digital crítico, isto é, uma cidadania digital que permita compreender e agir frente às novas determinantes dessa realidade modificada. Define o “alfabetismo digital crítico” como “o conjunto de habilidades necessárias para compreender crítica e amplamente os meios digitais e suas implicações sociais, econômicas e políticas”, e alerta que “para desenvolver esse olhar é necessário seguir avançando com a cidadania até habilidade digitais mais complexas que escapem de fórmulas mágicas ou imediatistas” (COBO, 2019, p. 105).

O livro do “entusiasta crítico da tecnologia”, como se autodenomina Cobo, está organizado em cinco capítulos. Já na introdução Cobo cita a conhecida frase: “Li e aceito os termos e condições de uso”, e alerta para o que muitas vezes “Escolhemos não escolher” (COBO, p. 37), isto é, quando aceitamos serviços em linha de forma predeterminada. Esse “escolhemos não escolher” ou “que outros escolham por nós” abre a discussão do primeiro capítulo que explora as brechas e assimetrias que emergem e/ou se consolidam na era digital. Apoiado em exemplos atuais, o autor aproxima ao leitor do fenômeno da internet e dos desenhos tecnológicos apontando traços comportamentais como a distribuição e diluição da atenção, a dependência aos aparelhos tecnológicos, entre outros. E, conclui, dizendo: “apaga o telefone, ascende a tua vida” (COBO, 2019, p. 68).

No segundo capítulo, Cobo (2019) analisa as mudanças nas formas de exercer o poder e o controle do comportamento: vigilância e monitoramento, influencia, perda do autocontrole e sobrecarga cognitiva. Em frases como: “parece que não é importante que nos vigiem” (p. 81), “na internet todos querem atrair a tua atenção” (p. 83) e “reter a atenção é também uma forma de poder” (p. 85), Cobo alerta ao leitor sobre o modelo de dados no qual “somos informação” (p. 90) a todo tempo. Daí que “a capacidade de discriminar, ponderar, contrastar e contextualizar a informação joga um papel crítico cada vez que utilizamos internet o nos relacionamos com outros através de uma tecnologia digital” (p. 94).

*Repensar as formas de inclusão*, título do terceiro capítulo, parece central no posicionamento de Cobo perante o questionamento inicial que se propõe responder. Segundo o autor é preciso “incorporar formas de proteção que resguarдем a cidadania quanto utilizam as tecnologias digitais” (p. 103), e sugere que os indivíduos possam ser capazes de se questionar do “por que cedem tantos privilégios às empresas de serviço digitais para que tenham o controle da vida privada” (p. 104). Cobo indaga, a nível institucional e político, sobre os sistemas de monitoramento que “ajudam” aos cidadãos (p. 113) e questiona sobre “quem vigia aos algoritmos” (p. 125). Tais questionamentos indicam, segundo o autor, a necessidade de uma “ética digital que não se esgote na legislação” (p. 128).

No quarto convite, Cobo (2019) convida ao leitor a “sair da era da ingenuidade” (p. 133), o seja, a superar os sesgos que temos sobre os dados, a discernir sobre como “as necessidades de aceitação, validação e atenção” constituem espaços para manipulação (p.145) e, a indagar sobre as possibilidades de superar o benefício individual que as plataformas, sistemas e meios digitais nos oferecem, para aspirar a mudanças que assegurem o bem-estar coletivo, no atual ecossistema digital que vivemos.

A modo de conclusão, o autor adverte para “o fim da lua de mel digital” (p. 160) e para a superação do “feudalismo digital” (p. 166), como chaves necessárias para dizer: “Escolhemos elegir” (p. 169).

Por fim, talvez o próprio autor, na citação a seguir, apresenta a melhor resenha da sua própria obra:

*Este livro analisa quais são as redefinições enquanto às velhas e novas formas de poder e controle que se produzem na era digital. Ainda, se explora de que maneira essas formas de poder estão vinculadas ao protagonismo que tem adquirido os dispositivos digitais na vida cotidiana. As tecnologias não somente produzem grandes volumes de dados, senão que também redefinem os esquemas tradicionais de autoridade. Neste contexto, parece mais necessário que nunca tomar distância dos tecnoentusiasmos imperantes e aprender a pensar autonomamente (sem próteses digitais nem outras formas de inteligência assistida). Aquilo guardará relação com ampliar os espaços para a desobediência tecnológica e de reflexão crítica, que nos ajudam a compreender os riscos de uma estupidez artificial em emergência, e atuar em consequência (COBO, 2019, p. 26).*

O livro está disponível no link: <https://www.aceptolascondiciones.com/>

Revista de  
**PASTORAL**  
da ANEC

---



---

2020

---